

**[Tudo é possível]
[Elisabeth Strout]****[Elisabeth Strout] Biografia:**

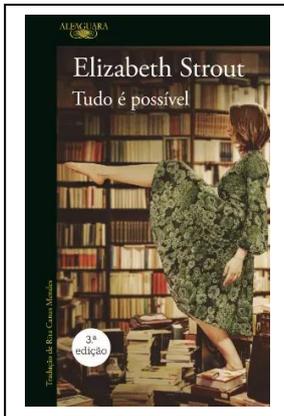
Romancista nascida em 1956 em Portland, nos Estados Unidos da América, é uma das romancistas americanas mais aclamadas da actualidade.

Além do sucesso mundial que obteve com o romance *Olive Kitteridge*, que lhe valeu um prémio Pulitzer, recebeu ainda o Los Angeles Times Art Seidenbaum Award e o Chicago Tribune Heartland Prize pelo seu romance de estreia, *Amy and Isabelle*.

Foi também finalista dos prémios PEN/Faulkner Award, Orange Prize e International Dublin Literary Award, no Reino Unido.

Os seus textos têm sido divulgados em várias publicações periódicas, incluindo a *The New Yorker*.

Na Alfaguara estão publicados *O meu nome é Lucy Barton*, finalista do Booker Prize, *Tudo é possível*, vencedor do Story Prize, e *Olive Kitteridge*, vencedor do Pulitzer Prize e finalista do National Book Critics Award. *Olive Kitteridge* foi adaptado a uma série de televisão vencedora de um Emmy.

Sinopse de [Tudo é possível]

Depois do sucesso de O Meu Nome É Lucy Barton, Elisabeth Strout regressa com um mosaico delicado da vida de todos os dias, um retrato íntimo das pessoas comuns que tentam entender-se e entender os outros, esforçando-se por ultrapassar o sempre crescente abismo entre o desejar e o ter.

Lançando um olhar sobre as ambiguidades e ambivalências da alma humana, Tudo É Possível é um hino à sensibilidade e à compaixão.

Tudo é Possível, Alfaguara, Deus Me Livro, Elizabeth Strout - MIL FOLHAS

“Tudo é Possível” | Elizabeth Strout Por Pedro Miguel Silva · Em 05/07/2018

Primeiro houve “O Meu Nome é Lucy Barton”, livro em que a escrita navegava magicamente entre o diário de uma adolescente e as profundezas do mais íntimo da alma humana, num livro que mostrava o lado mais cruel do amor. Um retrato da literatura enquanto salvação e ferida, do acto de se ser implacável, da superação individual. A história, que terminava com a emancipação de Lucy Barton, numa cena a fazer lembrar Thelma e Louise – mas apenas com Thelma e sem ravina à vista -, continua agora em “Tudo é Possível” (Alfaguara, 2018), onde a agora famosa escritora regressa à sua cidade de infância, em pleno Midwest, para apresentar o seu último livro numa livraria local.

O livro desce uns degraus relativamente ao seu sucessor mas, no que toca à construção de personagens, Elizabeth Strout volta a fazer magia. A galeria humana está ao nível de um Louvre literário, por onde se passeiam figuras como: Tommy Guptill, que teve em tempos uma quinta mas que acabou por perder tudo, empregando-se depois como contínuo na rede escolar de Amgash. Alguém que guarda um segredo que, depois de partilhado, perde a sua aparente religiosidade; Patty Nicely, conhecida como Pattyzinha Gordinha, alguém para quem a ideia de sexo não passa do dar as mãos. “Amamos de um modo imperfeito”, diz como se de um mantra se tratasse, trabalhando com adolescentes que não suporta; Linda Peterson-Cornell, que gostava que o marido, com quem tem uma empresa familiar de voyeurismo e “cuja inteligência em tempos tanto a impressionou, simplesmente desaparecesse”; Charlie Macauley, que sofre de stress pós-combate e vive com alguém que não suporta – mas que lhe enche o coração expatriado de pena; Pete Barton, irmão de Lucy, que não a vê há dezassete anos – apesar de falarem ao telefone quase todos os domingos; Vicky, a irmã de Lucy, sempre pronta para uma recriminação; ou Anne Apleny, cuja história poderia bem ser a de Lucy antes de esta ter tentado a sua sorte numa outra geografia. Strout tem um dedo especial para ligar todas estas personagens numa geografia sentimental do lugar, feita sobretudo de perda, mas nunca deixando de contrapor, ao sofrimento, uma compaixão que já é de assinatura.

Tudo é possível, da crítica de Elizabeth Strout - cronista magistral da pequena cidade americana

Com seu gentil dom de desmascarar a vulnerabilidade humana, Elizabeth Strout tem um toque de John Steinbeck e Anne Tyler

[Dia de Elizabeth](#), Dom, 23 de abril de 2017, 08h30 CEST



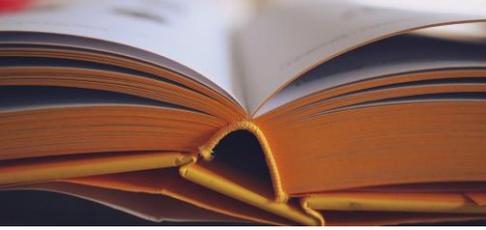
Por anos, eu não li [Elizabeth Strout](#). Para ser sincero, fiquei desconcertado com os títulos, que pareciam ter sido arrancados do quadro de avisos de um asilo de idosos particularmente culto: [Amy e Isabelle](#) foi seu primeiro romance, publicado em 1998, e foi seguido por *Abide With Me* em 2006, [Olive Kitteridge](#) dois anos depois e [The Burgess Boys](#) em 2013.

Assisti à adaptação da minissérie da HBO de [Olive Kitteridge](#), estrelada por Frances McDormand, e adorei, mas não tinha certeza se valeria quatro horas inteiras. Tudo isso é uma forma indireta de dizer que demorei mais do que deveria para descobrir a escrita de Strout. Foi somente com a publicação de [My Name Is Lucy Barton](#) no ano passado que comecei a lê-la.

Que presente foi. *Meu nome é Lucy Barton* contou a história de uma romancista hospitalizada que enfrenta sua infância carente. Foi ambientado ao longo de cinco dias, dentro de quatro paredes, e teve 200 páginas. Grande parte do romance consistia em conversas indiretas entre Lucy e sua mãe distante, intercaladas com fragmentos de memória que acabaram sendo costurados para dar uma impressão mais completa de uma educação pontuada por abusos e empobrecimento.

Foi uma história devastadora, contada discretamente por um escritor com um domínio casual da estrutura. Strout é o oposto de uma exibicionista literária: sua escrita não tem ego e as frases que ela cria são para servir aos personagens, e não ao autor. *My Name Is Lucy Barton* foi corretamente selecionado para o prêmio Man Booker de 2016.

Strout mostra compaixão por seus personagens, mas nunca sentimentalismo



Anything Is Possible não é exatamente uma sequência, mas apresenta Lucy Barton como uma das personagens. Situado dentro e ao redor da cidade natal de Barton, Amgash, Illinois, esta é uma obra-prima brilhante de um livro. É um romance contado em uma série de histórias interligadas, cada uma apresentando uma história da vida em uma pequena cidade que ilumina uma verdade mais profunda.

O capítulo de abertura diz respeito a Tommy Guptill, que já foi dono de uma fazenda leiteira que foi totalmente queimada, possivelmente como resultado de um incêndio criminoso. Em vez de ficar destroçado pela perda da sua casa e do seu sustento, Guptill vê o incêndio como um presságio espiritual: “Não era da natureza de Tommy arrepender-se das coisas e na noite do incêndio – no meio do seu medo galopante – ele compreendeu que tudo o que importava no mundo eram sua esposa e filhos e ele pensava que as pessoas viviam a vida inteira sem saber disso tão nítida e constantemente quanto ele.”

Esta é uma frase clássica de Strout, na medida em que consegue transmitir um detalhe do caráter individual ao mesmo tempo que a compreensão mais ampla da vida desse personagem e faz tudo isso mantendo um ritmo fácil e economia de expressão.

Escrever assim parece fácil, mas não é. O estilo de Strout é ainda mais poderoso por seu eufemismo, e me lembrou [John Steinbeck](#) e [Anne Tyler](#) – dois outros grandes observadores da interação entre paisagens internas e externas, que também apreciam o valor da simplicidade sobre a floridez autoconsciente.

Mas também aqui há ecos de Tolstói, mais notavelmente a máxima frequentemente citada do romancista russo de que “cada família infeliz é infeliz à sua maneira”. Os personagens de *Anything Is Possible* são moldados e às vezes assombrados pelo seu passado, ou presos pelas dificuldades dos relacionamentos atuais e pela sua incapacidade de dizer como se sentem.

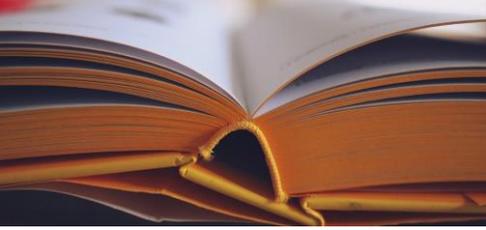
Há, em cada capítulo, uma bela e dolorosa dissonância entre desejos privados e obrigações públicas: há Linda, que fica com seu marido rico e distante em sua mansão sem alma e cheia de arte, apesar de suas predileções assustadoras; e Charlie, o veterano do Vietnã torturado por suas experiências de guerra, que se apaixonou por uma prostituta e perdeu o amor por sua esposa; e o pai que mantém sua sexualidade em segredo da família até sua morte, quando a verdade surge.

Strout mostra compaixão por seus personagens, mas nunca sentimentalismo. Suas histórias são contadas com respeito, nuances e um ouvido perfeito para o diálogo.

No Mississippi Mary, uma mulher vai visitar sua mãe, Mary, que agora mora em uma vila italiana com seu amante mais jovem. A filha conta a Maria que outras pessoas por quem passam na rua acreditam erroneamente que, por causa da visível diferença de idade, seu parceiro romântico é na verdade seu filho.

“Maria considerou isso. — Só que por que eles pensariam que eu era a mãe dele? Eu sou americano, ele é italiano. Eles provavelmente não pensaram isso.

“‘Você é *minha* mãe!’ Angelina explodiu, e isso fez com que Mary quase chorasse de novo, porque ela teve um vislumbre de todo o dano que deve ter causado.”



Esse é apenas um exemplo do ouvido de Strout para sutileza de conversação – ela escreve para as pessoas falando como elas realmente falam e ainda assim nenhuma linha de diálogo é desperdiçada. Tudo isso faz alguma coisa: avançar a história de alguma forma ou elucidar um sentimento interior, neste caso, o sentimento de rejeição e posse de uma filha e a impetuosidade que ela sabe que deveria ter superado. Tudo isso em algumas frases.

Mas a visão de Strout sobre a vulnerabilidade humana não é piegas ou dolorosa. Ela tem um olhar atento para mulheres amargas e infelizes que se escondem atrás de sua posição social. Ela é amarga quando se trata de aulas: as pessoas que se acham melhores que as outras só porque se mudaram ou ganharam mais dinheiro ou porque têm dois Picassos pendurados na parede da sala.

Quando a própria Lucy Barton finalmente aparece em Sister (um capítulo surpreendentemente escrito, que só vale o preço de capa), ela é mostrada lutando com seu próprio despertencimento. Apesar de sua infância difícil, Lucy tornou-se uma autora publicada e seu sucesso é mencionado por outros personagens ao longo do livro com uma mistura de orgulho e ressentimento. Mas quando ela retorna para Amgash, Lucy fica presa entre dois mundos – simultaneamente confortada pela familiaridade de seu antigo lar e em pânico pelas memórias que ele contém. Ela, como nós, agora é uma visitante desta cidade.

Strout é um cronista brilhante da ambiguidade e da delicadeza da condição humana. *Qualquer coisa é possível* é um romance sábio e impressionante. Se há um tema que une estas histórias, é o desejo de ser compreendido – sem dúvida o desejo mais humano de todos.

O adorável novo romance de Elizabeth Strout é um réquiem para a dor de uma cidade pequena



A autora Elizabeth Strout em 2016. Todd Heisler

Por [Jennifer Sênior](#) 26 de abril de 2017/ *The New York Times*

TUDO É POSSÍVEL, Por Elizabeth Strout

Qualquer pessoa que já tenha passado por depressão, mesmo a menor partícula, sabe que o alívio tem um grande poder. Certamente Olive Kitteridge, a protagonista do [romance](#) homônimo de Elizabeth Strout, vencedor do Prêmio Pulitzer, sabia disso. “Prazer é a ausência de dor”, Olive pensou consigo mesma a certa altura, lembrando-se das palavras de um filósofo que leu na faculdade. (Ela não conseguia lembrar quem. [Epicuro](#) .) Ela poderia muito bem estar falando por qualquer um dos personagens de Strout. As coisas que eles carregam são pesadas. Não sofrer seria mais que suficiente.

E ah, como os personagens sofrem no último romance de Strout, “Anything Is Possible”! O título parece uma piada cruel, dado o exército de homens e mulheres feridos do livro, desesperados pela libertação de suas feridas.

Descrever o enredo, na medida em que existe, é inútil. Assim como “Olive Kitteridge”, “Anything Is Possible” é na verdade um colar de contos sobre pessoas de uma pequena cidade, repleto de pistas sobre quem está conectado a quem. (Strout nasceu para ser uma narradora onisciente, nascida para voar e saltar de um poleiro torto para outro.)

É muito útil pensar tematicamente sobre o trabalho de Strout. As mesmas ideias a preocupam continuamente, e seus personagens muitas vezes se comportam de maneira semelhante. Eles se entregam ao conforto mesquinho da fofoca, seus julgamentos disfarçados de preocupação, seu

desespero para se assegurarem de sua sorte – e virtude – disfarçados de piedade. Eles latejam de solidão e fumegam de decepção. (Muitos de seus personagens são antigos, muito antigos, e ficam amargos ao descobrir onde foram parar.) Os filhos adultos defendem os pais que fizeram o indefensável, sua misericórdia quase santa em sua generosidade; ou fazem o oposto, agarrando-se à fúria justificada pelas infrações dos pais numa escala mais humana, deixando as suas mães loucas de dor e remorso.

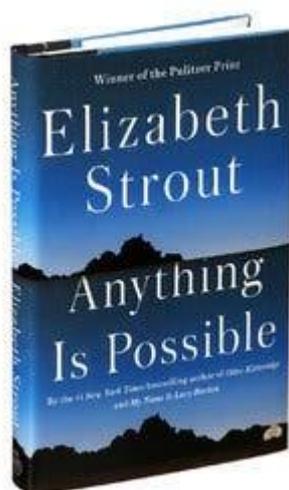
E muitos personagens andam por aí com grandes sacolas de amor não expresso.

“Porque ele era Charlie e não outra pessoa”, escreve Strout sobre Charlie Macauley, um veterano do Vietnã prejudicado, “ele não podia dizer ao filho: você é decente e forte, e nada disso tem nada a ver comigo; mas você superou isso, aquela infância que não foi só rosas, e estou orgulhoso de você, estou maravilhado com você.

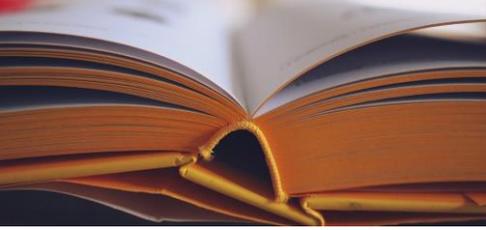
O ponto em que este livro se afasta acentuadamente do trabalho anterior de Strout é na sua ênfase franca e sem remorso no desejo proibido. Praticamente não passa um capítulo sem a revelação de algum segredo sexual. Existem histórias de voyeurismo. Prostituição. A vida gay secreta de um pai. Descobrimos, para nosso horror, que o marido de uma das personagens mais ternas e generosas, Patty Nicely, foi repetidamente estuprado quando criança. Quando ela era criança, a própria Patty surpreendeu a mãe em flagrante delito - com a professora de espanhol de Patty, que a espancava.

“Sua mãe não conseguia parar de chorar”, escreve Strout, “isso foi o que Patty viu, os seios de sua mãe e os olhos de sua mãe *olhando* para ela - mas incapaz de impedir o que saía de sua boca”.

Patrícia Wall/The New York Times



O trauma da cena primária, que pode ou não envolver ambos os pais, é central em “Anything Is Possible”. Isso distorce o futuro psicosssexual de muitos inocentes. O melhor que podem esperar na idade adulta é não recapitular os crimes que lhes foram cometidos.



Então, você pode perguntar, onde está o alívio desse livro?

“Anything Is Possible” é certamente mais sombrio do que o trabalho anterior de Strout. É mais audacioso também e mais impiedoso desafiar você a ir embora. “Little House on the Prairie” assume um estatuto mítico entre algumas das suas personagens. Este livro é seu terrível oposto. Não há famílias cantando entre os campos dourados e ondulantes aqui.

Mas a escrita é dolorosamente adorável. Quase sempre acontece com Strout, seja ela tricotando metáforas ou resumindo, com uma economia agonizante, episódios inteiros de uma vida: “Tendo se conhecido aos trinta e tantos anos, eles tiveram apenas oito anos juntos. Sem filhos. Patty nunca conheceu um homem melhor.”

Você lê Strout, na verdade, pela mesma razão que ouve um réquiem: para vivenciar a beleza da tristeza.

Para quem leu o romance anterior de Strout, “[My Name Is Lucy Barton](#)”, este livro também oferece os prazeres do esporte intertextual. “Anything Is Possible” se passa em Amgash, Illinois, a cidade natal de Lucy. Embora os leitores nunca tenham ido lá - só ouvimos histórias da mãe de Lucy, que tagarelou sobre seus residentes sitiados durante uma visita ao hospital com Lucy em Nova York - este novo romance ainda parece uma espécie de retorno ao lar, com personagens que parecem familiares. agora ganhando capítulos próprios. Como as “Pretty Nicely Girls”, cujo caso de mãe liquidou a família. E Charlie Macauley, cuja experiência no Vietnã liquidou a sua alma. E, claro, os Bartons.

O meta-conceito de “My Name Is Lucy Barton”, que o leitor só percebe parcialmente, é que o romance pretende ser o verdadeiro livro de memórias “publicado” de Lucy, sua autora-narradora. “Anything Is Possible” também é astuto. Personagens da cidade de Amgash compram o livro de Lucy na livraria local; eles citam isso; eles anotam a capa (que parece a [capa da vida real](#) de “My Name Is Lucy Barton”).

Mas a coisa mais surpreendente que o leitor descobre neste livro é que “Lucy Barton” não era toda a verdade. Você pode pensar, depois de ler, que conhece a família Barton. Confie em mim: você não. Essas crianças sofreram uma crueldade de magnitude surpreendente, muito pior do que Strout originalmente transmitiu. O fato de o pai deles não conseguir parar de se divertir na presença deles e no trabalho é apenas metade da questão. Foi a mãe deles quem infligiu mais danos. Lucy estava nos escondendo - possivelmente de propósito, ou possivelmente porque a verdade completa, parcialmente vislumbrada, era tudo o que seu eu adulto conseguia tolerar.

Mas seus irmãos têm memórias mais completas. Sua irmã, em particular, pode citar capítulos e versículos dos crimes de sua mãe. “Você quer frases verdadeiras?” ela pergunta no novo romance, depois que uma litania desagradável deles sai de sua língua. “Escreva sobre isso.”

“Não quero escrever essa história”, responde Lucy.

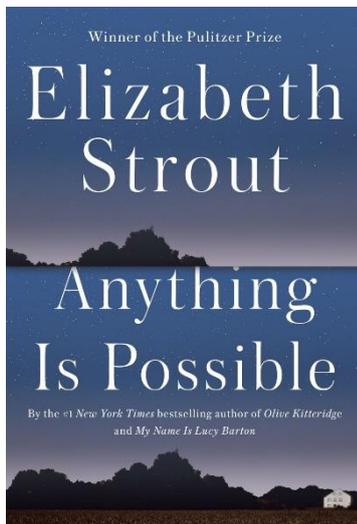
“E quem iria querer ler?” pergunta seu irmão.

Nós gostaríamos. E nós fazemos.

'Anything Is Possible' demonstra o que Elizabeth Strout faz de melhor

Por Susan Scarf Merrell, Washington Post - 24 de abril de 2017

Ao escrever seu romance de 2016, "[My Name Is Lucy Barton](#)", Elizabeth Strout se viu "atraída pela constelação de personagens que cercam a infância de Lucy em Amgash, Illinois". E então ela começou a escrever o que se tornou esta nova coleção de histórias suavemente interligadas. "[Anything Is Possible](#)" pode ser facilmente lido sem conhecer o livro anterior e, de certa forma, é uma conquista maior do que o "material de origem". Essas histórias levam Strout de volta ao cerne do que ela faz de forma mais magnânima do que qualquer outra pessoa, que é retratar silenciosamente as indignidades e decepções da vida normal, e os momentos de graça e bondade que recebemos em resposta.



Um objetivo tão simples, tão difícil de alcançar.

Cada uma dessas histórias é independente, mas são mais ricas em justaposição com as outras. E isso porque ao longo dos anos, de ângulo após ângulo, Strout foi empacotando e desempacotando como o silêncio funciona – entre as pessoas, dentro de uma única pessoa, na página, nos espaços entre as histórias. A omissão é onde você encontra o que faz de um escritor um escritor; é nos silêncios que o perdão e a sabedoria crescem, e é onde a arte de Strout floresce. Este novo livro leva esse esforço ainda mais longe.

Numa história, a resposta generosa de um zelador de uma escola secundária ao segredo de longa data de um vizinho permite que ele confesse seu próprio segredo. Tommy, o zelador, acredita que Deus veio até ele na noite, anos antes, quando seu celeiro pegou fogo; o outro homem acredita que foi seu pai quem provocou o incêndio. Dirigindo para casa depois dessas revelações compartilhadas, Tommy sente “que ele desligou a si mesmo, que ao contar o que nunca diria, ele se diminuiu além do perdão. Isso realmente o assustou.” Mais tarde, porém, ao confiar na esposa, ele descobre que “o que ele escondeu dela durante toda a vida era, na verdade, facilmente aceitável para ela”.

Noutra história, um veterano do Vietnã casado chamado Charlie Macauley é traído pela prostituta por quem ele acredita estar apaixonado - nem mesmo o nome dela é real. Naquela noite, Charlie acaba em uma pousada, esperando que a dor acumulada em sua vida se liberte. “Ó doce Jesus, deixe acontecer. Querido Deus, por favor, você poderia? Você poderia, por favor, deixar acontecer? Dottie, dona da pousada, sempre se lembra daquela noite. Ela considera a lembrança do homem soluçante um paliativo contra o tipo de hóspede que aparece, confessa segredos e, inexplicavelmente, se irrita com Dottie por ter ouvido: “Enquanto Dottie pensava sobre isso, indo e voltando entre a cozinha e o refeitório Na sala, ela via Shelly Small como uma mulher que sofria apenas da queixa mais comum de todas: a vida simplesmente não tinha sido o que ela pensava que seria.



Autor Elizabeth Strout (Leonardo Cendamo)

A minha favorita dessas histórias é “Cracked”, sobre a cumplicidade de Linda na espionagem com câmeras escondidas de seu marido Jay e na subsequente tentativa de agressão sexual ao hóspede. “Linda não fez comentários ao se deitar ao lado do marido, e Jay também não fez comentários”, escreve Strout, “embora fosse incomum hoje em dia Linda assistir com ele”. Adoro este em particular, não por sua deliciosa e assustadora história de origem: “Na faculdade, em Wisconsin, ela conheceu Jay, que, com sua inteligência e muito dinheiro, parecia oferecer uma vida que poderia catapultá-la para longe do mundo. imagem aterrorizante e permanente de sua mãe sozinha e condenada ao ostracismo. Linda é quem ela é por causa de acontecimentos de sua infância, acontecimentos que entendemos porque lemos a história de sua irmã Patty e temos informações que Linda provavelmente nunca saberá.

Além das nove histórias deste volume, muitas outras são abordadas e resolvidas sem o calor do olhar direto de Strout. Por exemplo, por trás da história de Linda (e também da de Charlie Macauley) está a história do desejo finalmente correspondido de sua irmã Patty por Charlie. O fato de essa dupla acontecer fora do palco, por assim dizer, nos permite acreditar em todas as coisas boas possíveis que acontecem no mundo e das quais não temos conhecimento. Ou responsável por.

Em “[My Name Is Lucy Barton](#)”, um instrutor diz à aspirante a escritora Lucy que os escritores têm apenas uma história para contar: “Você escreverá sua história de várias maneiras.” A história de Strout é sobre como carregamos o fardo do nosso passado ao longo da vida, sofrendo sem palavras, quando admitir em voz alta o que nos magoou pode aliviar essa dor.

Ainda guardo com carinho meu exemplar manchado de café do primeiro livro de Strout, “[Amy e Isabelle](#)”, cerca de duas décadas após a publicação. Quando um livro te surpreende – te ensina que existem outras maneiras de contar uma história – você quer voltar a ele repetidas vezes. “[Olive Kitteridge](#)” fez a mesma coisa, demonstrando com a maior elegância que é possível eliminar os pedaços de ligação da estrutura tradicional do romance e ainda assim colocar toda a história na página. Com “Anything Is Possible” – usando a soma de suas partes para pintar a humanidade de uma comunidade inteira – Strout acerta o alvo mais uma vez.

'Tudo é possível', de Elizabeth Strout

Por Trine Tsouderos, Chicago Tribune, 24 de abril de 2017



A romancista vencedora do Prêmio Pulitzer, Elizabeth Strout (Leonardo Cendamo)

O brilhante livro de memórias ficcionais de Elizabeth Strout, "My Name Is Lucy Barton", enfeitiça os leitores, fazendo-os acreditar, após 200 páginas de escrita íntima, que realmente entendem a personagem principal, Lucy, e sua mãe. Eu caí nessa armadilha também. Ignorei o aviso de Strout, presente em todo o seu livro, de que nunca poderemos realmente conhecer alguém.

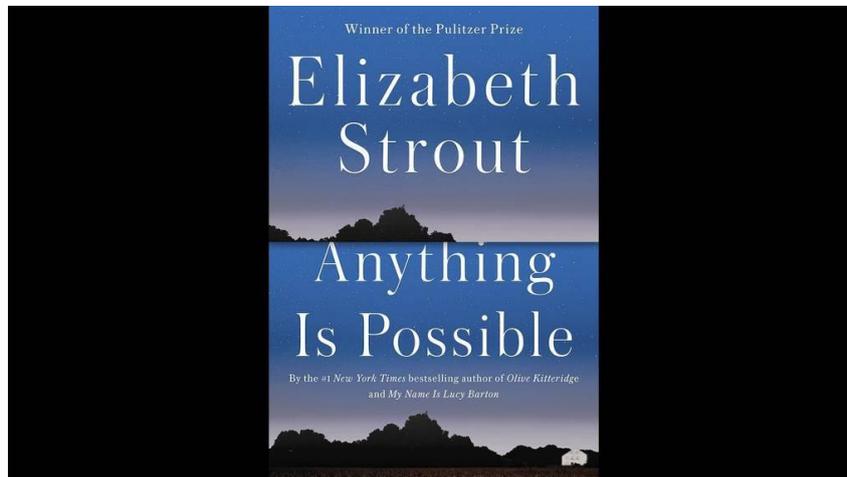
Em vez disso, aprendi a lição da maneira mais difícil através de sua poderosa sequência, "Anything Is Possible". Acontece que eu realmente não conhecia Lucy muito bem. Ou a mãe dela. Ou a família dela. Ou as pessoas da cidade sobre as quais ela e sua mãe fofocam em "My Name Is Lucy Barton". As perspectivas desses personagens compõem "Anything Is Possible", uma série de contos interligados que lembrarão aos fãs de Strout seu livro vencedor do Prêmio Pulitzer, também uma série de contos interligados, "Olive Kitteridge".

Como ela conta em "My Name Is Lucy Barton", Lucy cresceu desesperadamente pobre cerca de duas horas no interior do estado, em Amgash, Illinois. Ela e sua família eram párias da cidade. Isolada e tão solitária que pensava na árvore como sua única amiga, Lucy decidiu desde cedo que se tornaria escritora porque os livros lhe traziam conforto. "E pensei: vou escrever e as pessoas não vão se sentir tão sozinhas!" O estudo de Lucy e o uso da escola como uma fuga de sua vida familiar difícil e privada permitiram que ela ganhasse uma bolsa integral para a faculdade e entrasse em uma vida muito mais próspera e estável. Já adulta, ela é uma escritora de sucesso que mora na cidade de Nova York.

Lucy parece nutrir um amor profundo por sua mãe. Ao ler "Meu nome é Lucy Barton", não pude deixar de me apaixonar um pouco pelos dois, especialmente pela mãe de Lucy, cuja conversa franca e observações secas sobre o povo de Amgash me fizeram sorrir. Lucy e sua mãe me seduziram, e eu estava muito disposto a rejeitar as revelações perturbadoras, mas oblíquas, de abuso de Lucy. Fui enganado pelo tom confessional de Lucy e presumi que estava entendendo toda a história.

Essa capacidade de seduzir era tão poderosa que, no início de "Anything Is Possible", escrevi "ERRADO" ao lado de um parágrafo em que um personagem descreve a mãe de Lucy como "a perigosa". Isso aconteceu depois que o personagem testemunhou o irmão de Lucy atacando furiosamente com um machado uma placa que anunciava o antigo negócio de costura de sua mãe. Mesmo naquela época, eu não acreditava que a mãe deles fosse outra coisa senão uma pessoa imperfeita, mas boa, que fez o melhor que pôde em circunstâncias terríveis.

"Anything Is Possible" derruba triunfante e repetidamente as suposições dos leitores sobre os personagens mais memoráveis de "My Name Is Lucy Barton". Está claro que Lucy e sua mãe não conseguiram avaliar muitos de seus vizinhos e parentes. Em vez disso, a dupla usa histórias sobre outras pessoas para contar suas próprias histórias - a de Lucy é sobre sobrevivência e fuga, e a de sua mãe é sobre por que ela permaneceu em um casamento abusivo repetidas vezes. Strout afirma isso claramente em "My Name Is Lucy Barton", embora eu tenha lido logo após essa lição e interpretado todas as histórias que eles contaram sobre os outros pelo valor nominal.

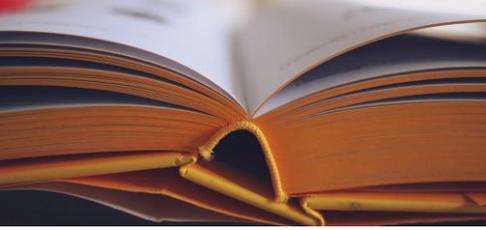


Veja, por exemplo, as histórias das prósperas e bonitas irmãs Nicely e de sua mãe, Kathie. Em "My Name Is Lucy Barton", a mãe de Lucy conta a Lucy sobre seu destino com prazer. Kathie é descrita como uma egoísta que abandona a família para fugir com um professor. Sua mãe especula, com uma boa dose de tristeza, que Kathie e a professora nunca fizeram sexo e que a professora era gay. Os dois riem muito e Lucy exulta com a conversa fácil. "Fiquei tão feliz. Ah, fiquei feliz falando com minha mãe desse jeito!"

Como eles estavam errados sobre Kathie e seu amante, aprendemos em "Anything Is Possible". Kathie e a professora realmente fizeram sexo. Uma filha – Patty – testemunha-os, ligando sempre o sexo à imagem que tem na sua mente. "Não, Patty não suportava nada disso. Sua própria excitação sempre lhe causava uma vergonha terrível e assustadora."

Em "Anything Is Possible", Strout também mostra como é insensível o riso entre Lucy e sua mãe. O caso de Kathie e a subsequente divisão de sua família deixam todos os envolvidos gravemente prejudicados. Lentamente, os leitores aprendem que não podem confiar nos relatos de Lucy e de sua mãe sobre amigos e vizinhos.

O mesmo pode ser dito do relato de Lucy sobre sua própria vida, contado em "My Name Is Lucy Barton". Muito fica por dizer, aprendemos em "Anything Is Possible". Um evento que teria dominado sua vida - um incêndio provavelmente provocado por seu pai que queimou os celeiros



de um vizinho e mudou para sempre o curso da vida do vizinho - nunca aparece em "My Name Is Lucy Barton", mas é o foco de a primeira história de "Anything Is Possible". Fogo, eu me perguntei. Que fogo? Mais tarde, ficamos sabendo de um incidente em que a mãe de Lucy cortou as roupas da irmã de Lucy em um ataque de raiva. Por que não ouvimos sobre isso?, me perguntei.

Em "My Name Is Lucy Barton", o mentor de Lucy a adverte a escrever com sinceridade. "Mas se você estiver protegendo alguém enquanto escreve este artigo, lembre-se disto: você não está fazendo certo." Em "Anything Is Possible", aprendemos que Lucy tomou isso como uma espécie de preceito para viver e que ela viaja pelo país falando sobre escrever "frases verdadeiras". E, no entanto, também aprendemos que a ideia de que ela escreve com toda a verdade é uma mentira, embora muito humana. Mentimos para nós mesmos, Strout está dizendo. Mentimos para proteger a nós mesmos e a quem amamos.

Tomados em conjunto, estes dois livros são uma declaração profunda sobre a indefinição da verdade sobre nós mesmos e os outros. As pessoas são mais complexas do que podemos imaginar e é melhor presumir, ao observar os outros, que tudo é possível. Mas Strout é gentil em sua avaliação, e não crítica. De certa forma, ela ecoa os sentimentos de Patty, que encontra consolo nas memórias de Lucy e tenta transmitir a uma amiga sua paixão pelo livro. "Somos todos uma bagunça, Angelina, tentando o máximo que podemos, amamos imperfeitamente, Angelina, mas está tudo bem."

Trine Tsouderos é freelancer.